

# VANGUARDA E ESTRANHAMENTO NO METAL PROGRESSIVO



FOTOS: DIVULGAÇÃO

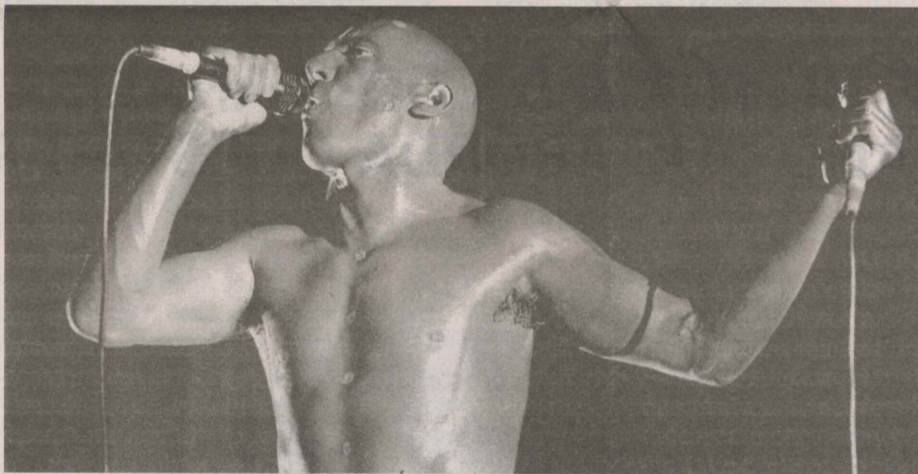
Após o primeiro álbum, "Undertow" (1993), a complexidade conceitual da banda Tool aumentou, unificando experimentações musicais e discursos mais elaborados

**A** lacrimologia, ou "ciência do choro", é uma doutrina que consiste na evolução do espírito por meio das dores física e mental. Supostamente criada por Ronald Vincent, em 1949, ela prega a destruição do apego ao corpo e às dores terrenas. Dessa forma, seria possível alcançar uma espécie de entendimento metafísico da existência.

Um fragmento dessa ciência chega ao Brasil em forma de música, em março do ano que vem. O vocalista Maynard James Keenan lidera os roqueiros do A Perfect Circle no Lollapalooza, festival que reúne shows do mainstream e da música alternativa em três dias no Jokey Club de São Paulo.

Diz-se fragmento porque a ligação de Keenan com a lacrimologia vem de antes, mais especificamente de sua outra banda, o Tool, que atua às sombras dos grandes circuitos e da mídia. O nome, inclusive, teria surgido para ser uma ferramenta (tool, em português) do conceito, semeado pelos integrantes do grupo por meio da música.

Verdade ou não – alega-se que a lacrimologia é um hoax (mensagem falsa) disseminado pela banda como sátira de religiões em geral –, as letras e as performances do Tool convergem numa direção poucas vezes explorada por artistas de rock pesado – nesse caso, metal progressivo. Performances teatrais de Keenan, álbuns complexos e letras filosóficas aproximam a banda de subgêneros de vanguarda, como o art rock. Longe, aliás, do senso comum que cola no metal rótulos negativos – depressão, violência, satanismo e outros termos fáceis.



Performances teatrais de Keenan aproximam a banda de subgêneros de vanguarda

## Áudio

A essência do discurso do Tool – que também encontra eco no A Perfect Circle – passa pelo confronto com o espelho. Semelhante à lacrimologia, as letras pregam uma espécie de autoflagelação, ainda que não seja física. Em "Undertow" (1993), primeiro álbum do Tool, Keenan canta sobre vícios, abusos que sofreu na infância, intolerância e medo.

O eixo da banda se fortaleceu à medida que a complexidade conceitual dos álbuns aumentou. Enquanto "Undertow" se apoiava num thrash metal de letras escatológicas, os trabalhos subsequentes unificaram experimentações musicais e discursos mais elaborados. "AEnima" (1997), por exemplo, reúne algumas composições longas – indicador da aproximação com o metal progressivo – e várias mensagens subliminares entre e durante as canções.

A excelência e a complexidade das performances instrumentais conduziram a banda ao disco "Lateralus" (2001), sucesso de crítica e público, além do prêmio de melhor composição de metal do século XXI para a música-título, oferecido pela revista "Loudwire" neste ano. Baseada na sequência de Fibonacci, a canção foi construída com uma espécie de padrão matemático entre harmonias e versos.

O álbum mais recente, "10,000 Days" (2006), possui elementos que expõem ainda mais a herança progressiva da banda e o melhor momento de Keenan como escritor. A música-título, um épico de 17 minutos dividido em duas partes, narra a trajetória de sua mãe, incapacitada durante 27 anos (dez mil dias) por conta de um derrame. "Vicarous" também se destaca pelo discurso: uma crítica à espetacularização da morte e um movimento de auto-confronto.

## Visual

Elaborado e complexo, o discurso sonoro do Tool é transposto para as telas. Nos videoclipes da banda, há a presença de elementos escatológicos e perturbadores, em sua maioria representados por animações. Apesar de se adequarem ao conceito da banda, os vídeos poderiam existir sozinhos. Expostos a técnicas avançadas de refinamento, as obras são comparadas a curtas-metragens. "Sober", "Stinkfist" e "AEnima" receberam prêmios e indicações ao Grammy, embora tenham sofrido censura de algumas emissoras por seu conteúdo "ofensivo".

Ao vivo, as performances do Tool seguem a estética dos videoclipes. Keenan, por vezes vestido com roupas femininas, sem nenhum pelo no corpo, ou inteiramente pintado com tintas coloridas, agrega mais estranheza à sua interpretação. Uma pena que não possa ser acompanhada posteriormente – fato que adiciona mais um elemento à experiência, o "aqui-agora" do show –, já que não é permitida a filmagem profissional das apresentações.

Parte dessa experiência, como dito, poderá ser acompanhada em março do ano que vem. No show do A Perfect Circle, no Lollapalooza Brasil, Keenan articulará um eco do Tool e da lacrimologia – se é que a doutrina existe. É bom que se diga, porém, que o público pode não encontrar um vocalista à frente da banda. Desde o início dos anos 2000, Keenan se apresenta ao lado direito do palco, talvez pela crescente exposição a que vinha sofrendo a partir do estouro de "Lateralus", ou pela disposição dos integrantes no palco lembrar – com esforço – a de um círculo. De qualquer maneira, vale o estranhamento.

No livro "Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro", Thomas E. Skidmore

# OLHAR SOBRE O RACISMO NO BRASIL

PROFESSORA DE HISTÓRIA DA UFES ANALISA CLÁSSICO DE  
AUTOR AMERICANO QUE ABORDA QUESTÃO RACIAL NO PAÍS

**A** reedição de "Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro", lançada neste ano, tem a pretensão de classificar a obra como um clássico, pois "persiste como rumor", explica Lília Moritz Schwarcz. De fato, "Preto no Branco", cuja pesquisa data da década de 1970, configura-se como citação obrigatória em todos os trabalhos sobre raça no Brasil. O autor é Thomas Skidmore, atualmente com 80 anos, que cumpre o desafio de sobreviver ao mal de Alzheimer. Sua dedicação aos assuntos brasileiros surgiu de um convite do Departamento de História de Havard para estudar a América Latina, deixando para trás o assunto de sua tese de doutorado sobre a História Moderna da Alemanha. Pelo arrolamento alentado de fontes, parece que Skidmore abraçou o convite com enorme gosto e inegável competência. De posse de uma bolsa de pós-doutorado por três anos, ele realizou levantamentos de documentos aqui em nosso país e nas bibliotecas norte-americanas. Contou ainda com a ajuda de alunos extraordinários como os historiadores Thomas Holloway e Mary Karasch (cujas teses sobre o Brasil se encontram também publicadas em português).

A obra de Skidmore discute três questões fundamentais. A primeira é a ir-

REPRODUÇÃO



José do Patrocínio: mulato que tinha acesso à elite nacional brasileira

resistível comparação com os Estados Unidos em relação às concepções de raça e racismo. Essa questão perpassa todo o livro, insistentemente considerada. A segunda é a imbricação entre tais noções e o pensamento político nacional do Brasil. E, por fim, não menos importante, o modo como a intelectualidade brasileira enfrentou as teorias científicas e racistas na virada do século XVIII para o XIX.

## Raça

Até a abolição, segundo o autor, raça não representava nenhum dilema para o país. Os africanos escravizados constituíam a raça ideal para o trabalho rural ou urbano, pensavam os membros da elite senhorial. A dúvida, porém, instalou-se com a possibilidade de esses homens não apenas adquirirem a liberdade, mas constituírem a nascente nação brasileira como portadores de cidadania. Transformaram-se imediatamente em "problema". Desse panorama, Skidmore apresenta o primeiro intelectual que formulou de forma metódica a temática – Silvio Romero (1851-1914). Entendendo-o como polemista, é descrito como reformador liberal "que se empenhou honesta e continuamente sobre raças e meio ambiente", enquanto seus contemporâneos da abolição "evitavam tocar no pro- ➤

observa que o Brasil permaneceu dominado pelo “preconceito de admitir ter preconceito”



O artista francês Jean Baptiste Debret (1768-1848) retratou, em pinturas e gravuras, cenas da escravidão no Brasil

► blema que as teorias raciais deterministas criavam para sua nação”. Preocupado com o engrandecimento do país, Romero dedicou-se à crítica da literatura nacional e escreveu sua famosa “História da Literatura Brasileira”. Vale o parêntese de obra quase com o mesmo título no Espírito Santo. Trata-se da “História da Literatura Espírito-Santense”, de Affonso Claudio, escrito sob a mesma influência da escola de Recife. As posições de Romero apontavam sua dubiedade sobre o futuro do país, por vezes possível, outras vezes impossível, dado os “malefícios das raças inferiores” fecundadas em solo brasileiro.

No final do século XIX, outro intelectual, Nina Rodrigues (1862-1906) confrontou-se com essas teses e expressou, na opinião de Skidmore, racismo ainda mais dogmático. Curiosamente era ele próprio um descendente afro-brasileiro, conhecido à época como “mulato”. E desse lugar social realizou um barroquismo científico ao estratificar os mulatos em: a) superiores; b) degenerados; e c) socialmente instáveis e criminalmente incapazes. Ele deveria constatar entre os primeiros, evidentemente, e assim dava abrigo a si próprio como pensador. Outros mereceram, da parte de Skidmore, avaliação, tais como Capistrano de Abreu, João do Rio, Euclides da Cunha, Graça Aranha, entre muitos estudados com

cuidado acadêmico sistemático.

Do elenco dessas obras, o historiador americano sugere, com razão, ter o país se constituído sob a égide do agudo dilema de ser “mestiço”. Diferente dos americanos atados fortemente à distinção entre negros e brancos, certo extrato de negros, à época conhecidos como “mulatos”, tinham acesso à elite nacional brasileira, tal como acontecera com José do Patrocínio e André Rebouças. Todos sabiam que a miscigenação era realidade inegável e não podiam aceitar, sem cometer suicídio moral, as teses de degenerescência racial. Isso não impedia, porém, o incômodo com as conclusões “científicas” chegadas da Europa. O esforço se converteu, portanto, em mostrar a vantagem da sociedade multirracial em absorver e digerir o “problema” negro. Skidmore demonstra como a reboleada teoria racista à brasileira apresentava a miscigenação como a saída para diluir definitivamente o “sangue” preto, apagando-o num constante branqueamento. Propugnava-se, em razão desse consenso, a imigração europeia, proibindo-se, até legalmente, a entrada de africanos e asiáticos no país para suprir carência de braços na lavoura após a abolição. No texto, é destacado o papel do Visconde do Rio Branco, na pasta das Relações Internacionais entre 1902 e 1912, como

autor do plano de divulgar imagem cada vez mais alva do Brasil, contrapondo-se aos racistas de verniz científico que, em passagem pelo Brasil, como Louis Agassiz, propalavam os hábitos “viciosos” dos brasileiros “vitimizados” pela miscigenação.

## Absurdos

O tempo, esse maravilhoso engenho de regeneração das sandices humanas, mostraria os absurdos das teses científicas racistas. As descobertas das grandes civilizações produzidas por povos “morenos” (denominação de época), como egípcios, gregos e latinos, lançaram luz sobre a intelectualidade entorpecida pelas enormes palermices racistas. Não fora fácil, porém, contrastar essas teses justificadoras das diferenças socialmente produzidas. No Brasil, Manoel Bonfim e Alberto Torres “estavam à frente de seu tempo” ao rejeitarem as doutrinas de diferenças intrínsecas entre as raças. Manoel Bonfim era médico e ensaísta, e Alberto Torres fora político e jurista. Embora o último ainda conservasse ranço das teses racistas, seus seguidores, ressalta Skidmore, guardaram a lição de que nenhuma nação se determina pela cor da pele ou pela posição geográfica, mas pelos investimentos em saúde, educação e au-

tonomia frente aos interesses estrangeiros. Nascia a expressão ufanismo das penas de Afonso Celso, com seu livro “Porque me Ufano do Meu País”.

Ao mesmo tempo, a tese culturalista crescia no Brasil e escritores, como Gilberto Freyre, dispuseram-se a conferir tratamento favorável à herança africana. A miscigenação permanecia, embora resignificada positivamente, como ideal de branqueamento com a introdução do europeu, crítica o historiador norte-americano. Doravante, discutia-se que a compleição limitada do mestiço brasileiro, como acusavam os racistas, advinha da falta de educação formal, de saúde básica e da escassez de alimentos. Aprendera a lição Monteiro Lobato, que descrevera o camponês como mórbido e bestial sob a influência das teses racistas. Convertido à nova corrente, ele reformulou o Jeca Tatu em novo volume, descrevendo sua transformação após a ingestão de remédios. O personagem até se converteu em divulgação panfletária patrocinada pelo próprio Monteiro Lobato na campanha pela melhora da saúde nacional, como informa o autor.

O livro encerra com a comparação entre Brasil e Estados Unidos. O autor observa que seu país avançou muito mais rápido em direção ao combate do racismo, enquanto o Brasil permaneceu dominado pelo “preconceito de admitir ter preconceito”. Fato em alteração desde que lideranças negras, como Abdias do Nascimento, resolveram se libertar dos mirabolantes atavismos acadêmicos e passaram a advogar o protagonismo na luta contra o preconceito. Desde então, emergiram políticas públicas no Brasil de valorização da identidade afrodescendente, tais como a lei de reconhecimento das terras dos quilombolas, a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e o regime de cotas nas universidades. Não se trata mais só de consciência política, mas de auferir benefício, acerto de contas justo com a trajetória de milhares de homens e mulheres lançados numa diáspora forçada. Atrevemo-nos a ler com olhos mais críticos até a literatura infantil que embalou os tenros anos de infância da elite brasileira, o senhor Monteiro Lobato, denunciando acertadamente seu tom racista, embora os exageros de expurgo não tenham minha simpatia. Infelizmente, apesar de a tese do branqueamento encontrar-se rejeitada, ainda não está superada. Fato exemplar é a tímida produção sobre a questão racial no Brasil, o que torna “Preto no Branco” leitura clássica e obrigatória.



**Preto no Branco - Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro**  
Thomas E. Skidmore.  
400 páginas, Companhia das Letras, R\$ 41